

A Ditadura Militar e a Música Popular Brasileira no ensino de História

Débora Fernandes de Paiva (UEM)

As mudanças políticas e econômicas do final do século XX causaram muita perplexidade a professores e estudantes de História em geral. Assim, se criou em alguns círculos atitudes céticas em relação ao conhecimento histórico, a valia do ensino de História nas escolas e ao seu caráter de meio transformador. Com o surgimento e a difusão das novas tecnologias, a utilização e a eficácia dos livros didáticos na educação passou a ser questionada, de forma que, o livro começou a ser considerado muitas vezes como um material desinteressante e obsoleto (PINSKY; PINSKY, 2007).

Com o intuito de acompanhar as mudanças, muitos professores aderem a ideia de que tudo que não é muito veloz é maçante. Em sala de aula, substitui-se a investigação bibliográfica por informações superficiais dos *sites* “de pesquisa”. O passado torna-se algo passado, portanto superado e desinteressante, e que não é preciso ser estudado.

Fica claro que o eminente desafio da atualidade para a História é se adequar às exigências contemporâneas, sem contudo, ser sobrepujada pelos novos anseios estabelecidos no cotidiano humano. É evidente a necessidade de superação desse desafio, de forma, que se apresente a possibilidade do desenvolvimento de um ensino de História correspondente aos novos tempos. Mas, o que buscaria essa História que iria além dos conteúdos estabelecidos para o vestibular?

Segundo Pinsky e Pinsky (2007) o professor de História não deve se limitar apenas aos modos de produção e opressão, não desconsiderando a importância dessas abordagens. Mas, pode e deve mostrar aos alunos, que nós seres humanos, através da cultura, temos nos desenvolvido por toda a humanidade. Cada estudante precisa se perceber como sujeito histórico, sendo isso possível, apenas quando ele se identifica com os esforços que os nossos antepassados fizeram para que a civilização chegasse ao contexto atual. É imperioso, portanto, que a História e seus

professores sejam revalorizados, observando a importância que possuem na conscientização dos alunos a respeito do mundo em que vivem.

Assim, como defendem Pinsky e Pinsky (2007) e os princípios teóricos apresentados nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História do Estado do Paraná justificam que o estudante deve receber uma formação que o possibilite entender a sociedade, dando argumentos que permitam ao estudante escolher entre ir, ou não, para um enfrentamento buscando a transformação da realidade social, econômica e política de seu tempo. Segundo as Diretrizes, a educação deveria estar embasada nas reflexões de Gramsci, *“de uma educação na qual o espaço de conhecimento, na escola, deveria equivaler à idéia de atelier-biblioteca-oficina, em favor de uma formação, a um só tempo, humanista e tecnológica” (PARANÁ, 2008, p. 20).*

Dessa forma, buscaremos neste trabalho apresentar uma proposta de Plano de Trabalho Docente que esteja em consonância com o apresentado. Pretendendo que possamos contribuir para a mudança do ensino de História e apresentar um material que poderá ser utilizado por qualquer professor em suas aulas. Para tanto, utilizaremos as canções “Pra não dizer que não falei das flores” e “Eu Te Amo Meu Brasil”, respectivamente de autoria de Geraldo Vandré e Dom e Ravel, ambas lançadas durante o Regime Militar Brasileiro, período que será nosso tema de estudo.

A escolha deste assunto ocorre da crença na necessidade de valorizar a democracia como regime político em que se respeitam os direitos do ser humano e de incentivar atitudes contrárias a violação dos direitos humanos. Tendo em vista que, o período do pós-64, em especial os anos posteriores a 1968 quando é promulgado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que institucionalizou a repressão, a violência e o terror do regime militar brasileiro como um claro exemplo do desrespeito humano com o próximo e que atitudes contrárias a este tipo de governo devem ser adotadas.

A fonte na historiografia:

Se entendermos cultura como o conjunto de práticas, valores, normas, representações, expectativas, que surgem do confronto entre as classes sociais, é possível compreender que as pessoas criam e incorporam significados aos objetos e situações conforme o contexto de suas condições concretas de vida. Logo, as manifestações culturais de um grupo (poesias, músicas, símbolos, etc.) “[...] *revelam uma totalidade complexa e contraditória de impressões e sentimentos, pois são construídas na diversidade do real vivido*” (CUNHA, 2003, p. 55).

Dessa forma, consideramos que tudo aquilo que o homem organiza sobre a representação humana é uma representação cultural. Podendo afirmar que as obras realizadas com a influência da realidade social em que se vive, são símbolos que representam a cultura e a consciência histórica de determinada sociedade. Seguindo esse pensamento podemos considerar o uso de novos materiais para o ensino de História, sendo músicas, filmes, histórias em quadrinhos e entre outros.

Nos últimos 20 anos uma das grandes discussões da metodologia do ensino de História, têm ocorrido em torno das diversas linguagens e fontes de estudo. Sendo esse debate parte do processo de crítica ao uso exclusivo do tradicional livro didático, da utilização dos livros paradidáticos, do desenvolvimento tecnológico da indústria cultural brasileira e do movimento historiográfico que se distinguiu pela ampliação dos documentos e temas de pesquisa (FONSECA, 2003).

Tornou-se parte do cotidiano escolar, do ensino e da pesquisa acadêmica, a utilização de imagens, jornais, filmes, músicas e de outros materiais no desenvolvimento de vários temas. Essa inovação trata-se de uma escolha metodológica que amplia o horizonte do historiador. Possibilitando novos campos de estudo, tornando o processo de produção do conhecimento interdisciplinar. Com esta metodologia os professores realizam um aprofundamento do conhecimento acerca de novas linguagens e novas possibilidades. Assim para Fonseca (2003):

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem. As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de

diferentes fontes em sala de aula. O professor não é mais aquele que apresenta um monólogo para alunos ordeiros e passivos que, por sua vez, “decoram” o conteúdo. Ele tem o privilégio de mediar as relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações, e o conhecimento, pois as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos da nossa realidade sócio-histórica. As linguagens são constitutivas da memória social e coletiva (FONSECA, 2003, p. 164)

Entendendo a importância da utilização das novas linguagens optamos pela música como nossa fonte da pesquisa histórica e como meio didático para este trabalho, vislumbrando que a música auxilia na construção do conhecimento histórico do aluno. De forma que, quando ouvimos uma música, percebemos o poder que ela possui de nos reportar a um momento memorável da nossa vida, ou que marcou a história nacional.

Assim, entendendo a importância desta linguagem, decidimos utilizar duas canções que obtiveram grande destaque durante a Ditadura Militar, sendo este com certeza um momento marcante deste país. Utilizaremos:

Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores

Geraldo Vandré

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão

10.4025/6cih.pphuem.504

E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Eu Te Amo Meu Brasil

Dom e Ravel

As praias do Brasil ensolaradas
O chão onde o país se elevou
A mão de Deus abençoou

Mulher que nasce aqui
Tem muito mais amor

O céu do meu Brasil tem mais estrelas
O sol do meu país mais esplendor
A mão de Deus abençoou
Em terras brasileiras
Vou plantar amor

Eu te amo meu Brasil, eu te amo
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul, anil
Eu te amo meu Brasil, eu te amo
Ninguém segura a juventude do Brasil

As tardes do Brasil são mais douradas-mulatas.
Brotam cheias de calor
A mão de Deus abençoou
Eu vou ficar aqui
Porque existe amor

No carnaval os povos querem vê-las
No colossal desfile multicolor
A mão de Deus abençoou
Em terras brasileiras
Vou plantar amor

Adoro meu Brasil de madrugada
Na hora em que estou com meu amor
A mão de Deus abençoou
A minha amada vai comigo aonde eu for

As noites do Brasil, tem mais beleza
A hora chora de tristeza e dor
Porque a natureza sopra e ela vai-se embora
Enquanto eu planto o amores

A música possui uma memória, reavivando lembranças aos ouvintes. Através dela podemos encontrar o caminho para chegar a determinado período histórico e uma maneira de apresentar sujeitos sociais que foram excluídos do processo histórico. Quem viveu o período da Ditadura Militar, conhece bem a canção “Pra não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré, que se tornou hino e um símbolo de resistência ao governo militar. Esta música foi cantada de forma emocionante no Festival Internacional da Canção em 1968, e calada, assim também como seu autor, até 1979, ficando conhecida como *Caminhando* (CUNHA,

2003).

A segunda música apresentada “Eu te amo, meu Brasil” de Dom e Ravel contrapondo a canção de Geraldo Vandré, trata-se de um cântico ufanista. Ela se enquadra como meio difusor do sentimento nacionalista da ditadura, que procurava propagar slogans como: “Brasil, ame-o ou deixe-o”, “Ninguém segura este país”, “Pra frente Brasil”, entre outros. Era o momento em que o “milagre econômico” beneficiava o regime com a entrada de capital estrangeiro, gerando um crescimento econômico acelerado (CUNHA, 2003).

Assim, propomos que as músicas apresentadas sejam utilizadas de forma que seja possível realizar uma relação entre elas e a História, envolvendo também o processo de aprendizagem que é o articulador entre o texto e o contexto para que a exploração histórica não seja restringida, e que o objeto em questão, não tenha sua importância de análise limitada.

A fonte na sala de aula:

A música é uma forma de linguagem, devendo ser utilizada em sala de aula para estabelecer com o estudante um espaço de diálogo com ela e através dela. Como ocorre com outras linguagens, cada povo ou grupo social possui sua expressão cultural. Dessa forma, o professor antes de apresentar sua própria cultura musical, deve compreender o universo ao qual os jovens estão inseridos, e a partir disso, estimular atividades que envolvam novas formas de conhecimento através da música (ABUD; SILVA; ALVES, 2010).

Muitas vezes as letras das canções são utilizadas de forma errada em sala de aula, se tornando ilustrações do conteúdo, sem considerar emblemas e linguagens figurativas presentes. O professor de História não pode cair nesse erro, ele deve utilizar as canções para auxiliar o aluno na construção do conhecimento histórico, realizando uma relação do objeto com o seu contexto, tentando apresentar como ela está inserida na sociedade e na história. Segundo Fiuza (2003):

Uma das dificuldades relacionadas ao trabalho com a canção na sala de aula está ligada ao cuidado em não tomar a canção como

um mero instrumento, como uma receita. A idéia de “utilizar” ou “usar” a música em sala contradiz a essência do objeto artístico. É possível pensar a música em sua relação com um determinado contexto, mas não só a partir deste prisma. Afinal, ela traz em seu âmago, a exemplo da história, mudanças e permanências, a idéia do “novo” presente no “velho”, e o contrário [...] (FIUZA, 2003, p. 96)

Assim, para a realização das atividades envolvendo canções, alguns cuidados devem ser tomados. Devendo seguir uma abordagem sociocultural, ideológico e histórico. Para Napolitano (2006):

[...] uma canção é produto de um conjunto indissociável que reúne: palavra (letra); música (harmonia, melodia, ritmo); *performance* vocal e instrumental (intensidade, tessitura, efeitos, timbres predominantes); veículo técnico (fonograma, apresentação ao vivo, videoclipe) (NAPOLITANO, 2006, p. 271)

Dessa forma entendemos que para a realização de análise da fonte musical é necessário à identificação da gravação da época que se pretende examinar, situar o veículo que tornou a canção conhecida, e mapear o espaço social e cultural de sua criação. Outro cuidado que devemos tomar ao analisar uma música é o uso de conceitos, como passado, tradição e etc; já que frequentemente podem ser refeitos, e também é necessário o entendimento de aspectos descontínuos da história, como por exemplo, a cultura política e musical de uma época e sua influência no contexto musical.

Na educação histórica a linguagem musical pode ser utilizada de diversas formas. A atividade de análise de uma letra, do estilo musical e dos distintos sons do ponto de vista ilustrativo e, sobretudo, o reconhecimento do ideário predominante no momento de lançamento da música, sendo fundamental para formar o conhecimento histórico (ABUD; SILVA; ALVES, 2010).

Bibliografia:

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2001.

CABRINI, Conceição et al. **Ensino de história: revisão urgente.** São Paulo: EDUC, 2000.

CALABRE, Lia. Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 1, p. 161-181, ago. 2003.

CUNHA, Maria de Fátima. Brasil pós – 64: entre sons e fúria. In: CERRI, Luis Fernando. **O ensino de história e a ditadura militar.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003. p. 55 – 66.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Saber e Fazer História: História Geral do Brasil**, 9º ano. São Paulo: Saraiva, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2007.

FIUZA, Alexandre Felipe. A canção popular e a Ditadura Militar no Brasil. In: CERRI, Luis Fernando. **O ensino de história e a ditadura militar.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003. p. 67 - 105.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história.** Campinas: Papirus, 2003.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 17 – 36.

LONGO, Regiane. **Eu também falei de flores!.** Campo Mourão: Kromoset, 2002.

LUCINI, Marizete. **Tempo, narrativa e ensino de história.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. A arte engajada e seus públicos (1955/1968). **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 2, p. 103-124, fev. 2002.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanesi. **Fontes históricas.** São Paulo : Contexto, 2006. p. 235 – 289.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura, anistia e reconciliação. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 23, p. 171-186, ago. 2010.

10.4025/6cih.pphuem.504

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

VILARINO, Ramom Casas. **A MPB em movimento: música, festivais e censura**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.